

DE CABRAL A D. JOÃO VI – A EXPANSÃO DO BRASIL*

MAX JUSTO GUEDES
Contra-Almirante

Na ocasião em que escrevo, mais de um mês nos separa do dia 27 de novembro. Nessa data, em 1807, a Família Real portuguesa, nobreza e boa parte das instituições governamentais embarcaram, no cais de Belém, na enorme frota – oito naus de linha, quatro fragatas, três brigue, uma escuna e um grande número de navios mercantes – que, desde setembro, vinha sendo aprontada para, caso se tornasse indispensável, transportar para o Brasil o governo luso. Dois dias após, com vento de feição, fez-se ela ao mar, trazendo a bordo mais de 10 mil pessoas.

A grande divulgação que ao fato histórico está sendo dada pelos meios de comunicação tem propiciado a realização de ex-

posições, edições de livros e artigos e a redação de teses acadêmicas, de qualidade dispar. Certamente, isto trará algum alento para minorar a afirmação de Ortega y Gasset, clara cabeça, lembrando que, desde o século XVI, o homem médio jamais soubera tão pouco de História quanto seus contemporâneos.

Após forte tempestade sofrida pela frota nas proximidades da Ilha da Madeira (9 a 11 de dezembro, já quase entrando o inverno, terrível época para a navegação no Atlântico Norte), dispersaram-se muitos navios, inclusive uma das naus inglesas que, sob o comando do Comodoro Moore, vinham apoiando o comboio. Tal razão levou ao abandono do *rendez-vous* acerta-

* N.R.: Artigo publicado originalmente na *Revista da Armada* (publicação oficial da Marinha de Portugal), nº 413, novembro de 2007.

do para a Ilha de Santiago, no arquipélago de Cabo Verde, vindo a frota em rota batida para o Brasil. Aos 18 de janeiro, já a Nau *Príncipe Real*, que transportava o Príncipe Regente D. João e seus filhos, D. Pedro (Príncipe da Beira) e D. Miguel, mais boa parte da frota passavam ao largo de Pernambuco, inclusive a Nau *Afonso de Albuquerque*, a qual trazia embarcada a Princesa Carlota Joaquina e quatro infantas. Quatro dias após (22 de janeiro), entraram na Baía de Todos os Santos; na cidade de Salvador, em 28 de janeiro de 1808, foi assinada a célebre Carta Régia, que abriu os portos do Brasil ao comércio direto estrangeiro, excetuando-se os gêneros submetidos a estanco, notadamente o pau-brasil. Cabe não esquecer, nessa decisão, a influência de José da Silva Lisboa, depois Visconde de Cairu, que Pedro Calmon apodou de “Patriarca da Independência Econômica” do Brasil, por pertencer-lhe a “honra de ter a um só tempo aberto ao mundo os portos do Brasil – e ao Brasil as portas da unidade do Império”.

D. João demorou-se na Bahia até o final de fevereiro, largando para o Rio de Janeiro dia 26, na *Príncipe Real*, em comboio com as Naus *Afonso de Albuquerque* e *Medusa*, mais a inglesa *Bedford*, a Fragata *Urânia*, o Bergatim *Três Corações* e o Transporte *Imperador*. A 7 de março de 1808, entraram estes navios na Guanabara, cessando as funções do sétimo e último vice-rei do Brasil, D. Marcos de Noronha, oitavo Conde dos Arcos.

Seguiram-se as múltiplas medidas que estão dando lugar aos estudos e às exposições mencionados no início deste trabalho: criação da Imprensa Régia – com o surgimento da *Gazeta do Rio de Janeiro* –, do Arquivo Militar, do Jardim Botânico, do Banco do Brasil, da fábrica de ferro, da navegação a vapor, da Escola de Medicina, da Biblioteca Nacional e o início das aulas da

Real Academia dos Guardas-Marinha (hoje a Escola Naval do Brasil), cuja companhia também fora transferida para o Brasil, comandada pelo Capitão-de-Mar-e-Guerra José Maria Dantes Pereira, e embarcada na Nau *Conde D. Henrique*.

Durante o período joanino, tiveram especial relevo duas ações militares: a invasão de Guiana Francesa, com a tomada de Caiena, e, mais tarde, a invasão da chamada Banda Oriental, tendo as tropas lusobrasileiras, comandadas pelo Tenente-General Carlos Frederico Lecor, ocupado Montevidéu em 20 de janeiro de 1817; e uma notável iniciativa cultural, a contratação da Missão Artística francesa, que chegou ao Rio em 1816, chefiada por Lebreton, que fundaria a Academia de Belas Artes. O apoio foi-lhe dado pelo erudito Conde da Barca.

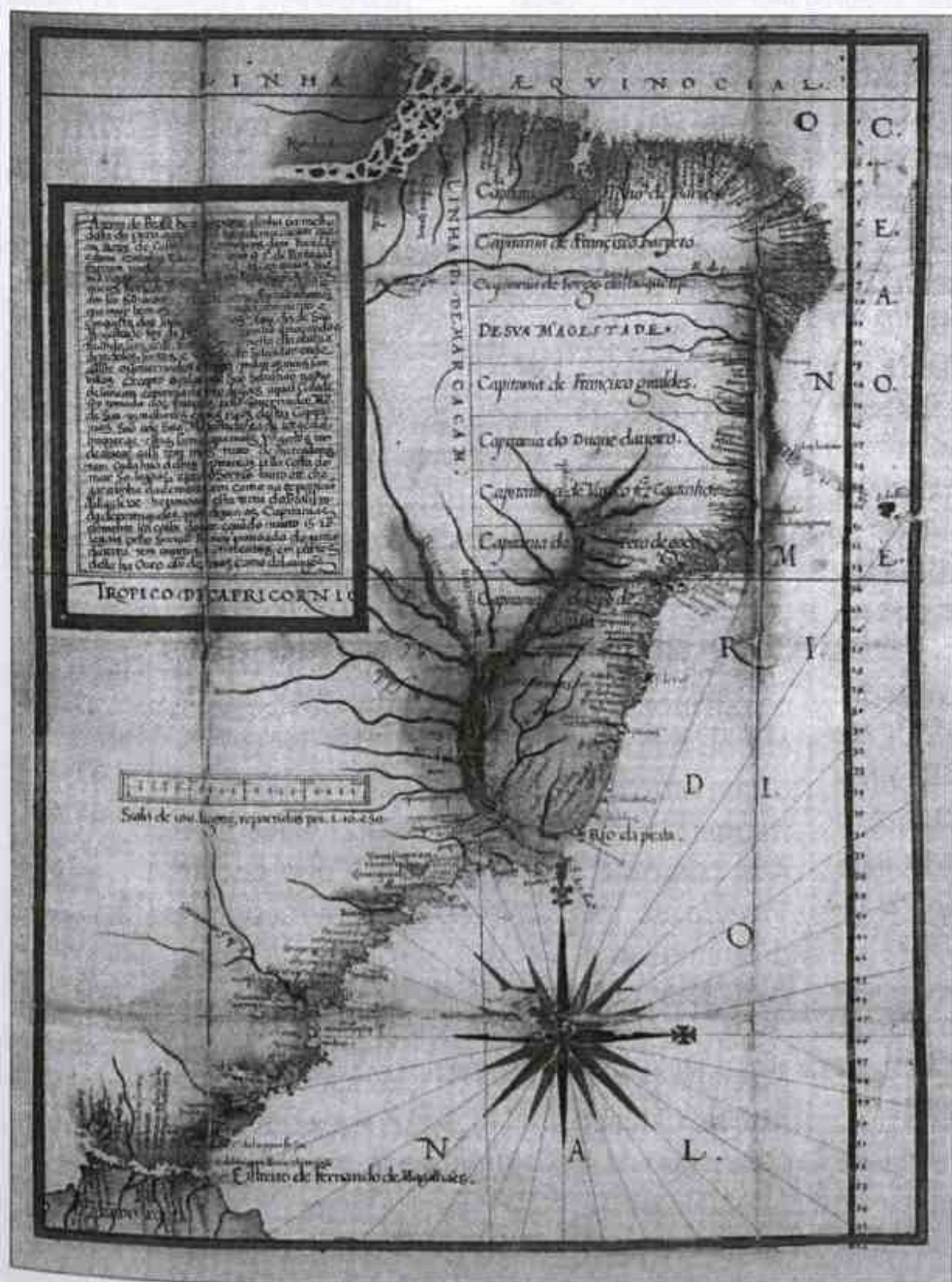
Mais importante que todas essas medidas foi a elevação do Brasil à condição de Reino Unido, por Carta de Lei de 16 de dezembro de 1815. Em março do ano seguinte faleceu D. Maria I e, quase dois anos depois, foi coroado D. João VI (6 de fevereiro de 1818).

Todas essas medidas podem parecer ao leitor menos avisado que a transmigração da Família Real para o Brasil deu as bases sobre as quais se apoiaram o Império e a República brasileiros. No entanto, se as muitas medidas que, sucintamente, acabo de lembrar parecem ter consolidado o País, havia mais de 300 anos que, progressivamente, ele vinha sendo construído. Em 1519, já toda a costa fora descoberta e cartografada, conforme comprova a carta atlântica do Atlas Miller; vários núcleos de povoamento haviam sido, paulatinamente, formados em São Vicente/Cananéia, Porto dos Patos, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco; e as duas primeiras vilas (São Vicente e Piratininga) foram criadas.

Logo foi o território dividido em capitânias hereditárias, e, a par do comércio do

pau-brasil, surgiu a agroindústria do açúcar, que trouxe no seu bojo a escravidão negra, a par da dos silvícolas, principiada

nos primórdios da ocupação territorial. Obviamente, a História das Mentalidades explica-as, como também explica a grande mai-



Mapa anônimo atribuído a Luís Teixeira, constante no Roteiro da Costa do Brasil – 1586

oria de negros nas ilhas caribenhas colonizadas por holandeses – notadamente sob a influência da Companhia das Índias Ocidentais, a partir do atual Suriname e alcançando as Antilhas (Aruba e Curaçao, por exemplo) –, ingleses (Jamaica) e franceses (Haiti). A escravidão atingiu também os atuais Estados Unidos da América, notadamente os estados do Sul, e foi uma das causas da chamada Guerra de Secessão.

Repelidas haviam sido todas as tentativas estrangeiras de colonização: franceses no Rio de Janeiro e no Maranhão e holandeses no Nordeste (entre 1630 e 1654); ocuparam estes boa parte do território nacional. Entradas e bandeiras, em busca de indígenas para escravizar e de riquezas minerais, haviam impedido que padres da Companhia de Jesus, a serviço de Espanha, estabelecessem missões do Paraná ao “Continente de São Pedro” (Rio Grande do Sul). A fundação do Forte do Presépio, origem de Belém do Pará, foi fundamental à expulsão de holandeses, ingleses e franceses, que tentavam estabelecer-se na foz do Amazonas, e permitiu a ocupação luso-brasileira da portentosa bacia fluvial do Solimões/Amazonas.

O descobrimento do ouro levou enorme massa de mineradores às Minas Gerais e à fundação de importantes vilas, como São João del Rei (1713) e São José del Rei (1718), atualmente Tiradentes, e da Capitania do Mato Grosso (1748), esta junto aos territórios espanhóis de Moxos e Chiquitos. A mineração

aumentou a necessidade de escravos negros, geralmente de forte compleição e, assim, adequados aos trabalhos nas minas.

Tudo isso levou à superação do Tratado de Tordesilhas e a novas demarcações de limites na gigantesca fronteira terrestre que separava o Brasil dos territórios castelhanos. Nos reinados de D. João V e D. José I foram assinados o Tratado de Madri (1750) e o Preliminar de Santo Ildefonso (1777).

Neste longo e extremamente importante período para a formação do Brasil, ocorreram alguns movimentos nativistas e independentistas, o principal deles sendo a chamada Inconfidência Mineira, reprimida com relativa violência pela Coroa portuguesa.

Os vários ciclos econômicos ocorridos no Brasil desde o início da colonização – pau-brasil, cana-de-açúcar, ouro, diamantes – deram lugar ao surgimento de notáveis artistas, notadamente arquitetos, escultores, pintores e musicistas, que hoje causam espanto a quem visita as chamadas cidades históricas espalhadas por todo o nosso território, sendo elas permanente desmentido de que toda a riqueza produzida no Brasil fora transferida para a Metrópole antes da chegada da Família Real, para nela dar grandeza e monumentalidade aos palácios e igrejas. As muitas obras-primas do Barroco e Rococó cabalmente comprovam o destemor, a hercúlea resistência, a tenacidade e o amor à cultura daqueles heróicos luso-brasileiros que legaram à atual geração uma das maiores nações do Orbe.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<HISTÓRIA>; História do Brasil; História de Portugal;